

Sindicatos e associações vão ao Cade contra Consecitrus

Modelo de referência de preços divulgado na semana passada também recebe críticas de representantes da base produtiva da laranja

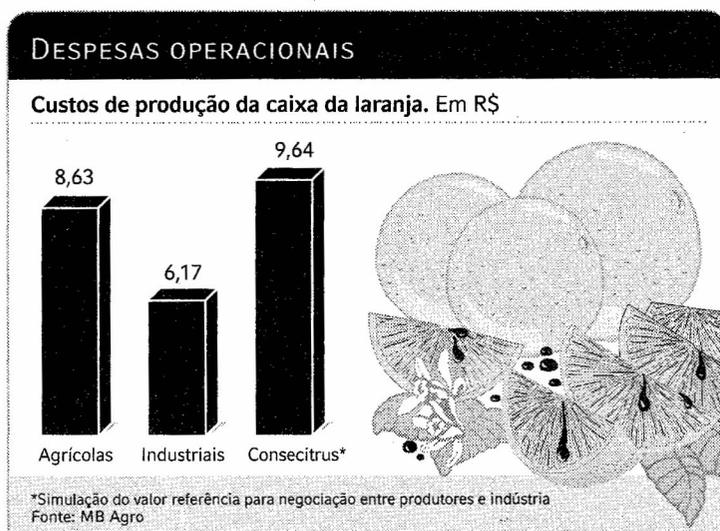
SÃO PAULO

Associações e sindicatos da citricultura contestam as referências de preço divulgadas pela indústria processadora de citros na semana passada, a título do Conselho dos Produtores de Laranja e Exportadores de Suco, o polêmico Consecitrus.

O modelo referencial, divulgado na quarta-feira (10), utilizou como base o mês de julho e determinou que, naquele período, o preço da caixa seria de R\$ 9,64 — na relação de venda entre o produtor e a indústria. Os resultados da cadeia produtiva seriam divididos assim: 36% a quem planta a fruta e 64% a quem a processa.

O presidente do Sindicato Rural de Ibitinga e Tabatinga, Frauzo Ruiz Sanches, critica o modelo porque “toma como base uma fazenda que produz vinte milhões de caixas. Mas não existem fazendas em São Paulo que produzem vinte milhões de caixas. A maior de todas, do grupo Fischer, fica em Iaras, onde produz cerca de quinze milhões de caixas”.

Segundo ele, os números da produção agrícola foram superestimados, enquanto os do processamento industrial, subestimados, distorcendo os custos.



O diretor da MBagro, Alexandre Mendonça de Barros, defende-se da acusação: “O documento é uma versão simplificada do estudo. Considera uma área agrícola de vinte mil hectares com 40 propriedades rurais”.

O presidente da Associação de Citricultores da Região de Limeira (Alicitros), Paulo Celso Biasoli, acredita que o modelo ainda tem de ser testado, e portanto ainda não vai aderir ao Consecitrus.

“A indústria que vai abastecer as tabelas do documento. Se houver transparência, o Consecitrus pode dar certo”, ele diz. “Mas eu não aderiria neste momento. O modelo ainda tem que ser testado”, acrescenta.

Para o diretor da consultoria FNP, Maurício Mendes, os sistemas de produção de laranja são tão diferentes (mesmo considerando somente São Paulo) que é impossível traçar médias de preço. “O custo diminui conforme a produtividade”, exemplifica.

“É preciso que todos se sentem à mesa, olhem a planilha de custos e considerem os itens comparáveis, chegando a uma planilha de custos padrão — não de médias — sobre a qual se calculem valores, levando em conta fatores técnicos, não emocionais”, sugere Mendes.

Cade, histórico

Os representantes da base produtiva consideram inválidos o estatuto da iniciativa, publicado em abril, e o seu modelo referencial, elaborado pela consultoria MBagro. Portanto, pretendem inviabilizar a oficialização desses documentos por meio de representações no Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade).

Os principais agentes de oposição, a Associação Brasileira de Citricultores (Associtrus) e a Federação de Agricultura do Estado de São Paulo (Faesp), dizem ter sido excluídos do processo de criação do Consecitrus.

→ QUESTÃO TÉCNICA

«É preciso que todos se sentem à mesa, olhem a planilha de custos e cheguem a uma planilha de custos padrão»

MAURÍCIO MENDES
DIRETOR, FNP

O conselho foi formado há seis meses, com a assinatura da Sociedade Rural Brasileira (SRB), pela Associação Nacional dos Exportadores de Sucos Cítricos (Citrus BR), que agora espera pela adesão de organizações de citricultores — principalmente da Associtrus, segundo um porta-voz.

“Não existe a mínima possibilidade de a Associtrus aderir a esse Consecitrus”, afirma o presidente da entidade, Flávio Viegas. “O documento [de referência de preço] está todo enviesado a favor da indústria”, acusa.

“Do ponto de vista da Faesp, esse documento [nem] sequer existe”, afirma o coordenador-geral da Comissão Especial de Citricultura, criada em abril pela federação, Cyro Penna Jr.

O Consecitrus é inspirado no Conselho dos Produtores de Cana-de-Açúcar, Açúcar e Alcool do Estado de São Paulo (Conseca-na).

BRUNO CIRILLO

Publicamos 126 reportagens sobre

CITRICULTURA

www.dci.com.br

www.panoramabrasil.com.br